

Lula esperou crescimento que não veio

GEORGE ALONSO

SÃO PAULO – A crise econômica que o Brasil passou a viver de forma mais aguda a partir de setembro serviu para reacender a esperança do líder petista Luiz Inácio Lula da Silva em chegar a um segundo turno na disputa presidencial, depois que sua campanha recuou nas pesquisas após o *boom de junho*, quando chegou a empatar com o candidato à reeleição, Fernando Henrique Cardoso.

Ex-torneiro mecânico e um dos mais importantes políticos brasileiros da geração pós-ditadura militar, Lula – assim como o comando da coligação oposicionista – vislumbrou na crise financeira a chance de dizer ao eleitorado que havia uma alternativa de poder.

Foi a partir daí que a campanha de Lula, que tinha começado de forma propositiva, com as esquerdas se antecipando ao governo na apresentação semanal de planos de governo, partiu para o ataque frontal, com críticas mais duras à política de FH. Denunciava, então, a preparação pelo governo de um pacote pós-eleitoral, com medidas impopulares que iriam gerar mais desemprego. "Dessa vez, ninguém vai poder dizer que a oposição não teve propostas. Fomos nós que denunciamos a crise que o governo procurou, por razões eleitorais, esconder", dizia Marco Aurélio

Garcia, coordenador do programa de governo da coligação.

Ao apontar FH como o responsável pela crise, por ter adotado um modelo considerado em agonia pelo PT, os estrategistas da campanha esperavam novo crescimento de Lula. Enfrentaram, porém, a resistência do eleitorado, a ponto de FH subir nas pesquisas e obrigar os comunicadores a apresentar o petista como "administrador" e "negociador" nos programas do horário eleitoral na televisão.

Como o período eleitoral foi mais curto, FH conseguiu evitar tanto o debate na TV como tomar as medidas mais duras antes do pleito. Por isso, nos últimos 20 dias, o comando da oposição, numa corrida contra o relógio, tratou de sugerir o "voto útil", pedindo que o eleitor garantisse um segundo turno, onde o debate é obrigatório e a polarização acabaria entusiasmando a militância do PT.

Durante a campanha, Lula não se cansou de acusar a imprensa de abrir mais espaço para Fernando Henrique. Denunciou também o abuso do poder econômico e da máquina administrativa. Revelou também a mágoa que tem em relação a FH, que dividiu com ele palanques durante as greves do ABC nos anos 70.

Na última quinta-feira, o petista, em sua terceira tentativa de ser o primeiro presidente vindo da classe operária no Brasil, dizia que mantinha esperança de chegar ao segundo turno e apostava suas fichas na militância, no crescimento dos outros candidatos e na abstenção. Mas também dava sinais de desânimo, com declarações ao estilo *missão cumprida*.